

AMIZADE, ÉTICA E JUSTIÇA
FRIENDSHIP, ETHICS AND JUSTICE

Adelson Cheibel Simões¹

Resumo

Este ensaio apresenta o que é a amizade e quais são seus inimigos, baseado no conceito de amizade formulada pelos estóicos e em uma proposta ética kantiana. A questão é: o que impede uma prevalência da amizade como valor primordial da vida contemporânea? Ser um amigo é mais do que conhecer o outro. No entanto, para manter uma amizade é muito importante ultrapassar desafios e enfrentar problemas e questões éticas delicadas, como o que fazer quando o amigo teve uma atitude desonesta ou quando vários amigos estão à procura de uma mesma glória. Além disso, o nosso mundo atual coloca obstáculos à amizade, porque os padrões de comportamentos não vêm de uma disposição interna, mas são ditadas pela mídia.

Palavras-chave: Amizade. Ética. Justiça. Solicitudude. Confiança.

Abstract

This essay shows a concept of friendship and what are his enemies, based in the friendship concept formulated by stoics and in a kantian ethics. The question is: what forbids a prevalence of friendship as primordial value of contemporary life? Be a friend is more than know the another one, it is understand the another one. However, maintaining a friendship is very important to exceed challenges, and face problems and ethic questions delicate, how what do when the friend had a dishonest attitude or when several friends are searching a same glory. Moreover, our current situation in the world places obstacles to a real friendship, because the behaviors designs not come of internally dispositions, but are dictated by media.

Keywords: Friendship. Ethics. Justice. Solicitudude. Confidence.

Introdução

Podemos definir a amizade como uma relação de identidade, de igualdade. Esta relação pressupõe que haja uma abertura para com o outro, cujo fundamento último, é o conhecimento de nós mesmos. Para tanto, faz se necessário lembrar que quando se fala em ‘verdade’ na amizade, exige ultrapassar desafios. Os desafios são, por exemplo, o que fazer quando um amigo tem uma atitude desonesta? Acusar, omitir ou, ser condescendente com sua atitude? Diante do exposto, e tendo, como fundamento que o ato de ser amigo implica no fato de auxiliar o outro na prática da virtude, o objetivo deste trabalho é lançar um pouco de luz

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Feral de Santa Maria e Professor da disciplina de Ética E-mail: adelsonsimoes@gmail.com

sobre as delicadas questões morais que envolve o termo ‘amizade’. Neste sentido, nossa maior necessidade é de não nos omitirmos em relação ao amigo. Mesmo que a verdade possa por vezes ir contra a própria amizade. Não obstante ainda, os temas Ética e Amizade podem sugerir algumas questões não tão simples como imaginamos, tal como, o que acontece quando amigos estão em busca das mesmas glórias? Nestas horas, é preciso esclarecer que apenas a lealdade na disputa pode fazer a amizade não se transformar em ressentimento.

Este ensaio tem como pretensão, ser exatamente isso, um ensaio sobre os desafios e as virtudes de se fazer um amigo em dias atuais. É, portanto uma tentativa de encontrar o equilíbrio entre a Ética e a Amizade, visto que, em tempos de globalização os empecilhos para com a amizade aparecem sempre em proporções maximizadas. Analisa-se assim, que os padrões de comportamentos atuais não vêm mais de dentro, são agora ditados pela mídia. E, o modo de como devemos ser, agir e nos portar está nos meios de comunicação, revistas, bancas de jornais, mas principalmente na televisão. O mundo que deveria ser de libertação, a partir dos anos sessenta, se tornou um mundo de insatisfação, de desejos descartáveis. Por conseguinte, a questão é onde colocar, ou ainda mais, como trabalhar a Amizade neste mundo que é o nosso, nesta sociedade de inconstância, que é também a nossa, a partir dos conceitos de Ética e de justiça? Como superar estes desafios?

1. Ética e Amizade

É interessante notar como o tema da Amizade é apresentado nos autores estóicos, principalmente no pensamento romano e deste período destacamos Marcus Tullius Cicero (106-43 a. C.)², o qual podemos encontrar um perfeito desenho daquilo que vem a constituir o conceito de Ética. Dizia Cícero, “a amizade é antes de tudo confiança” (2001, p. 17). E é ela, a confiança, que estabelece uma relação entre o Eu e o Tu. Para que esta relação, possa se

² O Autor “Marcus Tullius Cicero nasceu em 3 de janeiro, 106 A.C., e foi assassinado em 7 de dezembro, 43 a.C. Sua vida coincidiu com o declínio e queda da República Romana. Ator importante em muitos dos acontecimentos significativos de sua época, seus escritos são hoje, para nós, uma fonte valiosa de informação sobre tais eventos. Ele foi, entre outras coisas, um orador, advogado, político e filósofo. O entendimento de seus escritos e a compreensão de sua filosofia exige que tenhamos isso em mente. Ele colocou a política acima do estudo filosófico; este é valioso por si mesmo, e destaca-se ainda mais, como valioso meio para uma ação política mais efetiva. Os únicos períodos de sua vida em que escreveu trabalhos filosóficos foram os tempos em que foi forçadamente impedido de tomar parte na política.

aprofundar, se sedimentar e se transformar em amizade, ela deve deixar de ser uma relação Eu e objeto. Deixando de ser uma relação desta natureza, o outro deixa de ser apenas objeto do Eu, ao mesmo tempo em que o Eu deixa de ser objeto do Outro. Enquanto houver esta relação de Eu e objeto, de observação, de distância, de perspectiva longínqua, não há a possibilidade de se ter o afeto como o sustento, como alicerce ou como ligação entre duas pessoas. O que há na verdade é uma distanciação. É necessário, portanto, que haja uma ruptura entre o Eu e o Tu no momento em que Eu admito o Outro como outra pessoa, em uma relação de identidade e de igualdade onde não me coloco como um observador distante, mas sim como um observador solícito. Neste sentido, a pessoa que olha para o outro, também se abre para ele, se aproxima e estende a mão, e o faz objeto, não de sua observação, mas da sua solicitude, do seu interesse. A partir deste instante, o Outro se transforma em alguém a ser compreendido e não apenas conhecido. Ou ainda, aquele que compreende deve também ter a disponibilidade de se fazer compreendido, criando uma abertura de ambos os lados. Logo, estabelece-se uma relação dialógica, em que ambos têm um desprendimento para que sejam conhecidos, porém mais que conhecidos, que sejam compreendidos. E é neste instante em que há aproximação entre o Eu e o Tu, entre dois “Eus”, neste instante temos o surgimento da confiança.

Pois bem, quando se estabelece uma relação de amizade, não é apenas o amigo que deve receber confidências, e o Eu não irá apenas fazer confidências. Isto é, o Eu também fará confidências, entretanto tem-se que permitir que o outro também faça, porque na relação de amizade o que mais se deve buscar não é o revelar-se ao outro, mas permitir que o outro também se revele para o Eu, fazendo com que, esta revelação, seja também, uma revelação para ele mesmo. É, portanto, uma forma de se auto conhecer. Numa relação de amizade nós acabamos por conhecer a nós mesmos. Há neste caso um entrelaçamento em que o Eu permite que o outro o conheça, faça confidências, mas ao fazer estas confidências eu viabilizo o conhecer-me a mim mesmo e me coloco a sua disposição para ser objeto de uma lealdade.

Este conceito de sinceridade de máxima, esta vinculada a uma expressão que anterior a ela, isto é, aquela do tempo em que acreditávamos ser possível dizer tudo³. Entretanto é hora

³ Conceito elaborado pelo psicanalista Jorge Forbes, médico psiquiatra, em São Paulo. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Mestre em Psicanálise pela Universidade Paris VIII. Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo - USP - Faculdade de Medicina (Neurologia). Membro da Associação Mundial de Psicanálise - AMP. É um dos principais introdutores do ensino de Jacques Lacan no Brasil, de quem frequentou os seminários em Paris, de 1976 a 1981. Teve participação fundamental na

de nos habituarmos com a ideia de que nem tudo deve ser dito. Não por que se esconde alguma coisa, mas sim porque a língua não é capaz de dizer tudo. Diante disso podemos afirmar que a amizade é e acontece por aquilo que é dito e também por aquilo que não é dito. A amizade, portanto carrega consigo uma parte de equívoco e de mal entendido. Neste sentido, ser amigo é não ser paranóico e reagir impensadamente ao primeiro mal entendido, ao primeiro não telefonema, ao primeiro esquecimento de um encontro, etc. Portanto, não dá para se afirmar que a lealdade seja dizer tudo. Possivelmente a lealdade talvez seja dizer tudo o que é possível dizer.

Todos nós somos evidentemente vaidosos. Todos nós temos a vaidade daquilo que nos somos. Todos nós temos uma satisfação daquilo ou naquilo que realizamos. E é muito agradável encontrar pessoas satisfeitas consigo mesmo. Isto é, quando encontramos um cabeleireiro e ele nos diz que ninguém corta cabelo melhor que ele no bairro, na cidade etc., significa que ele tem uma satisfação, um orgulho daquilo que ele faz. Desse modo, a nossa vida é definida pelos nossos horizontes profissionais, nosso trabalho, as nossas ambições afetivas. Agora, se há algo de ruim dentro da relação de amizade e que pode vir a minar aquilo que de positivo existe na mesma, este mal é a bajulação. Isto porque, quanto mais nós somos satisfeitos conosco mesmo, mais suscetíveis nós somos à bajulação. Ou seja, “os resultados da lisonja são maiores frente aquele que se lisonjeia a si próprio” (Cf. Cícero, 2001, p. 20). E é evidente que, quanto mais nos orgulhamos e nos colocamos até alheio a realidade, a visão que temos de nós mesmos é muito positiva, e mais facilmente nos tornamos objeto da lisonja. O amigo não pode lisonjear o outro. Pode enaltecer o outro quando este outro merece ser enaltificado. A lisonja como o elogio fácil, o elogio que apenas engana, a hipocrisia entre amigos, esta não deve existir. Se há uma coisa que a amizade deve permitir é o direito de dar conselho. Há mesmo um desejo de desagradar o amigo. Isto é devemos cativar o nosso amigo lisonjeando? Devemos a final camuflar a realidade e não revelá-la? Não mostrar a ele o ridículo pelo qual ele está passando? Devemos sonegar a verdade para não quebrar esta amizade? Ou a amizade exige que abramos mão dela arriscando dizer a ‘verdade’ para aquele, que por muitas vezes não pretende ouvi-la? Será que dizer a verdade, por gerar o ódio, e este,

criação da Escola Brasileira de Psicanálise, da qual foi o primeiro diretor-geral. >
<http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos.html>< disponível e acessado dia 10.08.2014 as 20:00 hs.

por consequência, pode afastar da relação de amizade? Será que devemos suavizar as palavras para manter o amigo ou, devemos dizer a verdade para perdê-lo, mas manter a amizade. Afinal, como é que mantemos nossas amizades? Como que nós temos confiança em alguém? Como nós temos fidelidade?

É preciso ter claro que esta fidelidade vai ser posta a prova por diversas vezes. Exemplo disto, é a situação cujo alguém alcança o poder e, logo em seguida, passa a tomar atitudes de desprezo para com os amigos, ou mesmo, no momento em que o amigo cai em desgraça, ou está na infelicidade, seja ela de qualquer espécie, se afasta para não se revelar próximo de quem se encontra na desgraça. Portanto a confiança, a fidelidade para com o amigo exige inúmeros sacrifícios. Exige ultrapassar vários desafios.

A amizade é uma relação de identidade, de igualdade. É uma abertura para o outro e nesta abertura, acabamos conhecendo a nós próprios. Desse modo, o desafio seguinte é o que fazer perante a atitude desonesta de um amigo. Acusar? Omitir? Ou ser condescendente? Baseando-nos então na ideia de que ser amigo é auxiliar o outro na prática da virtude, tenho a impressão de que são estas algumas questões morais que estão presentes no tema verdade e amizade.

Será que a amizade permite ou justifica, ao mesmo tempo, que se pratiquem coisas ilegais para favorecer o amigo? Será que a amizade vem a justificar que façamos um desvio e não atuemos eticamente e honestamente para privilegiar um amigo? Até onde pode um amigo sair da linha correta para não prejudicar ou para auxiliar um amigo? A amizade existe para que exista uma cumplicidade na prática de condutas desviadas ou, ela existe para que um auxilie o outro na prática da virtude?

Suponhamos que a resposta mais sensata para estas questões é de que nós não podemos ser condescendentes com os erros dos amigos. Nós podemos nos silenciar em determinadas circunstâncias para não acusar um amigo, mas na relação entre o Eu e o amigo, o Eu não pode se omitir e nem pode permitir que os atos ilegais praticados por ele permaneçam impunes. O Eu pode no máximo se omitir, mas nunca mentir. Embora a omissão também seja uma forma de mentira, ainda que seja uma forma tênue, eu posso me omitir, mas nunca mentir. Podemos nos omitir, porque neste caso estamos tocados pelo sentimento de afeição. É em função disso que tanto no Processo Civil quanto no Processo Penal, a pessoa

declarada amigo do acusado, pode reconhecer não ter condições efetivas de dizer a verdade e, em decorrência disso se omitir de prestar um depoimento, para não prestar um falso testemunho. É por isso que o juiz quanto possui relação de amizade com a parte que ele deve julgar, pode-se declarar suspeito. Ele é suspeito porque ele vai ser tocado, não por um sentimento que leve a justiça, mas por um sentimento que o leva a afastar-se dela. A justiça é sempre um sentimento, ela não é algo que brota exclusivamente de uma análise racional, do fato e do direito. A justiça só se concretiza na medida em que ela é ditada, pelo direito, pela análise dos fatos, mas também, por uma intuição, por um sentimento, pela sabedoria prática, pela prudência. E o juiz pode alegar não possuir a prudência necessária para julgar. É exatamente o que falta ao juiz quando ele é amigo da parte. Ele pode conhecer o direito, conhecer os fatos, pode analisar as circunstâncias todas com objetividade, mas lhe faltará exatamente este último toque, que dá efetivamente o sentido da justiça, que é a possibilidade de ser prudente, de ter uma sabedoria prática, de ter uma intuição de que a justiça se encontra na solução x ou y. Neste instante em que ele vai criar, mais, portanto que observar e deduzir, ele será traído pelo seu sentimento de amizade e assim ele pode se declarar suspeito.

Segundo Jorge Forbes, psicanalista, se o amigo tem que denunciar o erro, se o amigo é um juiz, e neste caso a palavra denunciar, diz respeito a falar do erro para alguém, ele toma partido dizendo que o amigo não tem necessariamente a obrigação de denunciar o outro. Mas o amigo não tem nada que evite ou que o proíba de falar dos erros do amigo. Existe uma frase que diz: “o preço da liberdade é o eterno delito” (REALE, apud SOUZA, 2006, p. 5), que é o contrário daquilo que fomos acostumados a ouvir, o de que o preço da liberdade é a eterna vigilância. O contato com este tipo de leitura nos impõe alguns questionamentos. Ora, existe um quanto de delito permitido perante a sociedade? E a conclusão é isso mesmo que está dito. A verdade é que não existe amizade alguma sem erro, e também não existe sociedade sem erro e extermínio do erro da sociedade nos levará a pensamentos totalitários. Portanto, não há como pensar em concertar a sociedade através da extinção do erro. A amizade, por sua vez, também não é uma coisa eterna e, às vezes, gostamos muito de uma pessoa e temos um bem enorme por este amigo, mas ele muda muito a sua posição e por isto talvez, o último ato de uma amizade digna desse nome seja dizer: ‘Até mais! Não podemos mais ser amigos’.

A mesma coisa é a testemunha de um fato praticado por um amigo que é colocado sob suspensão. O amigo ao ser questionado pelo juiz a respeito da condição de dizer a verdade e

ele, por ser amigo vai afirmar que sim. Neste momento estará dizendo a primeira mentira. Mas, até onde se pode ser condescendente, ajudar e privilegiar um amigo? Se justificaria que alguém prestasse um falso testemunho para ajudar um amigo? O Código Penal prevê isso. Isto é, existe o falso testemunho quando existem estes laços de afeição. Contudo, no plano ético e não no plano jurídico, há uma compreensão de que não se justifica mentir, mas é possível se omitir e preferir não depor, com a alegação de não ter condição de tal ato, devido a ligação afetiva existente entre ambos. Existe uma expressão latina que diz: *sou amigo de Platão, mas mais amigo da verdade* e é exatamente isso, se alguém tem que tomar uma decisão, ou alguém por infortúnio tem que decidir sobre uma situação em que está envolvido um amigo, deve ser mais ‘amigo da verdade’ que amigo de ‘Platão’. E, até que ponto que ser amigo da verdade exige que se deixe de dizer a crítica ao amigo que a merece? Mesmo que esta crítica seja uma crítica pública? É compreensível se manter omissos durante algum tempo, mas chega um instante em que se coloca uma alternativa: devemos continuar nos omitindo de dizer o que é certo em favor do interesse geral, ou devemos superar a relação de amizade e colocar o interesse geral acima do sentimento de afeição? Se somos questionados para fazer uma análise da ação de uma pessoa amiga, envolta em tarefas públicas, o que devemos fazer? Se nós temos responsabilidade e se a nossa palavra tem algum peso, devemos apenas elogiar o amigo e mistificar? Devemos manipular a verdade para proteger o amigo das críticas justas? Ou devemos ser mais amigo da verdade e dizer: ‘Platão, eu sou mais amigo da verdade e os erros são este, esses, e aqueles’. Certamente defendo que somos mais amigo até de ‘Platão’ ao dizer a verdade do que ao incensá-lo indevidamente, incentivando-o a continuar na trilha do erro, daquilo que é errado, daquilo que contraria o interesse geral. Afinal, queremos que nosso amigo seja o espelho do certo.

2. Amizade, lealdade e justiça

Após analisado alguns apontamentos sobre a atitude ética em torno do termo amizade, cabe agora analisar outro problema sobre um viés semelhante, a saber, a lealdade e a justiça. Uma dúvida que surge. E se por acaso os amigos estão em busca da mesma glória, das mesmas honras, e apenas um pode ser contemplado pelo destino, como ficará o outro em questão? Efetivamente as pessoas podem estar dirigidas pela busca do poder, seja ele

econômico, político, etc. sendo este último o mais perigoso deles. O poder político é o átrio do mal, é a ‘ante-sala’ do inferno. Pois bem, na disputa pelo poder entre amigos não pode deixar de existir, a não ser com a renúncia de um em favor do outro, dado o contrário, o que deve ocorrer é lealdade na disputa para que ela seja franca e não venha a se transformar facilmente em ódio e ressentimento. Nada é mais fácil que esta transformação. E cada um vai ter o seu lado na disputa pelo poder e assim, cetras e flâmulas vão estar a disseminar a maldade um em relação ao outro. E evidentemente é fácil insuflar pequenas maldades que vão gerando profundos ódios. Temos os exemplos da literatura de Machado de Assis, *Esau e Jacó*, dois irmãos apaixonados pela mesma mulher, a personagem Flora, no qual apenas um teria lugar ao seu lado. O resultado culmina com a morte de Flora para que os dois irmãos pudessem continuar a viver, cada um a sua maneira, apenas se encontrando na paixão por flora. Isso se assemelha muito com uma verdade que podemos dizer absolutamente indiscutida, provinda do segundo século Antes de Cristo e que diz que é muito difícil amizade entre os homens públicos. “Muito dificilmente encontraremos amigos verdadeiros entre os homens que se ocupam dos negócios públicos ou que procuram honras” (Cícero, 2001, p. 16). E por quê? Porque a necessidade de poder faz com que se valha da simulação que é o inverso da amizade.

A pergunta a ser feita aqui é: será que um homem de poder tem amigos? Neste sentido, podemos retornar àquilo que Maquiavel escreveu como um dos conselhos ao príncipe, em que ele dizia que o príncipe deve se afastar dos amigos anteriores a ele, se caso tornar príncipe, visto que estes jamais o verão com os limites e com a distância que o homem de poder exige.

Entretanto, hoje podemos perceber, em termos de globalização, que o poder é muito maior em termos de participação, de parceria, do que de adversidade, então amizade e poder convivem de forma muito melhor. Contudo, esta noção de poder é muito diferente da noção de poder do tempo de Maquiavel, e nós não estamos plenamente acostumados a esta nova noção. Esta nova noção não quer dizer, ‘eu sou mais importante ou eu tenho mais força que alguém’, mas ela recupera o verbo “eu posso”. É, portanto, muito mais um poder participativo do que um poder que determina uma forma de vida aos outros.

É importante analisar o governo a partir de três pontos: primeiro a conquista do poder, segundo o exercício do poder e terceiro a manutenção do poder. Não é difícil perceber aqueles

que assumem o poder têm faces distintas em cada um destes momentos. Nas três posturas é possível ver que existe um imenso campo da simulação, da desconfiança, do medo etc., não pode haver na amizade o medo, pois este é o inverso da confiança, onde existe um, não existe o outro. Assim, quando se está para conquistar o poder, existe o medo que o outro conquiste, ou que o outro assuma uma posição de prevalência. Se temos um amigo que disputa conosco, mesmo que seja nas mesmas bandeiras, iremos sempre desconfiar. O exercício do poder é sem dúvida um instrumento que nos permitirá fazer a ocupação deste poder, e quanto a ocupação do poder nós temos que excluir o outro. Ou seja, a amizade tem diversas facetas que se contrapõe a ela própria. Tais como, o medo, a falta de confiança. Entretanto, a que mais se contrapõe é a inveja. Isto pelo fato de que a inveja não é querer o que o outro possui, mas sim desejar que o outro perca aquilo que tem, conforme escreveu a psicanalista Melanie Klein⁴ (1991) em um texto intitulado *Inveja e Gratidão*, onde diz que a inveja não é querer para a sua satisfação, mas sim é satisfazer-se de que o outro não tenha o que tem. O invejoso fica feliz que o outro tenha perdido o que tem, mesmo que essa perda seja para um terceiro. Sua satisfação não era em possuir para si, mas sim em ver que o outro deixou possuir (Cf. 1991, p.

É importante notar como é difícil a prevalência da amizade no momento atual. Todos estes contrapontos em relação à amizade são estimulados na sociedade globalizada. Esta sociedade que se horizontaliza por que perdeu a figura do pai, da imposição de determinadas regras, etc., onde não há mais a moral heterônoma. Assim, na medida em que nós não temos mais um modelo certo a seguir, quem dita os padrões de comportamento é a mídia. Quem dita o que deve ser feito é a mídia. Isto é, não é quem tem nome e sobrenome que vai pousar para a revista, mas sim quem vai para a revista que passa a ter nome e sobrenome. A frase “nós não somos mais habitantes do espaço, somos habitantes do tempo”. O que significa dizer, que nós não temos mais enraizamento, não temos mais lugar. A maior parte dos espaços é ocupada por não lugares, aeroportos, shopping, escritórios, só para citar alguns. Não há mais identidade.

⁴ Melanie Klein (1882 – 1960) uma psicanalista austríaca, nascida em Viena. Foi uma das maiores psicanalistas da história. Seguidora de Freud, com genialidade e amor à verdade erigiu uma escola com pensamentos próprios e distintos. Suas teorias vieram de seus trabalhos com crianças que possibilitou a investigação psicanalítica dos primeiros meses de vida, abrindo as portas para o tratamento de pacientes psicóticos. Seus desenvolvimentos seguiram com a psicanálise de crianças, como o estudo dos estados maníaco depressivos, a identificação projetiva como defesa do ego, e a inveja primária na constituição da personalidade. Sua teoria das posições depressiva e esquizoparanóides foi a primeira grande sistematização da teoria psicanalítica.

A partir da revolução de 1968 cujo lema era “proibido proibir” começa um mundo de libertação. Porém este mundo de libertação que deveria ser benéfico, prazeroso, traz uma imensa insatisfação, deixa um enorme vazio, justamente por isso, por perdermos referências. Do mesmo modo, a nossa última revolução contemporânea do século XX, a revolução da mulher, a independência sexual, a libertação sexual, etc., a libertação dos monstros, (algumas doenças que assombravam a humanidade), não existe mais padrões de comportamentos efetivos e o grande desafio dos pais hoje é ter coragem de dizer não para os seus filhos. Há proximidade entre pais e filhos como nunca houve, há liberdade em desfazer casamentos como nunca antes visto, há liberdade sexual, de escolhas de parceiros sexuais sem juízos negativos como antes. Entretanto tudo isso tem um preço. Não existindo mais referências, cada um passa a ser responsável por si mesmo. Neste sentido, os controles informais de comportamento, a família, a igreja, o clube não tem mais força de imposição das formas de comportamento. As formas de comportamento são ditadas pelo sucesso do instante. E temos que alcançar o sucesso. Isso torna a sociedade absolutamente fluída. As pessoas querem o sucesso, querem aparecer na televisão, na revista etc.

Existe uma figura que o filósofo Ortega y Gasset (1883 – 1955) chamava de “homem massa”⁵ (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 43), essa figura era um homem de característica uniforme, numa sociedade em que havia uma invasão vertical de bárbaros, mas as pessoas se dividiam entre pessoas ocupadas e preocupadas. Os ocupados eram senhores satisfeitos e os preocupados não eram satisfeitos, justamente porque eram preocupados. Os ocupados eram senhores satisfeitos porque eles tinham a ideia de obtenção de alguns bens ou forma de vida absolutamente factível, hoje não há mais isso. Nós nos encontramos em uma sociedade absolutamente histórica em que a satisfação do desejo de hoje é a frustração de amanhã.

Vivemos um turbilhão de desejos descartáveis. Portanto, vivemos dentro de uma sociedade que sofre tanto pela busca do sucesso e que as drogas passam a fazer parte deste contexto, pelo fato de as pessoas não aguentarem o peso dessa busca e acabarem sucumbindo por esta rota de fuga. Nesta sociedade truculenta e sem referências aonde vamos por a amizade que está fundada em valores como lealdade, sinceridade, franqueza, abertura de si,

⁵ Para Ortega y Gasset, "massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor - bom ou mau - por razões especiais, mas que se sente como todo "mundo" e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais" (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 45).

renúncia, tolerância, prudência? Existe tanto sofrimento para obtenção de satisfações efêmeras. Estamos instrumentalizando tudo, e com isso estamos traindo os principais valores da ética, porque a ética, como uma ciência do comportamento moral vai se apoiar em algumas leis morais universais encontradas, sem dúvida alguma, no pensamento kantiano, “faça de seu comportamento o espelho de um comportamento que possa ser aceito universalmente” (KANT, 2007, p. 82); “tenha na relação com o outro sempre a perspectiva da humanidade do outro para que ele seja um fim em si mesmo e não um meio” (KANT, 2007, p. 82); e, a regra de ouro “não faça ao outro o que não queres que façam a ti”⁶ (MATEUS, 7:12).

Então, voltando a Cícero, a amizade é uma virtude dos homens de bem, e a ética significa ter uma aspiração ética, com os outros e para os outros, dentro de instituições justas, como salienta Ricoeur (Cf. RICOEUR, 1991, p. 202). Assim, a amizade é a mais profunda solicitude para com o outro, até para que eu perca a amizade em nome da amizade e sempre sob um sentimento de justiça, porque a justiça se revela não por aquilo que é equânime, mas sim pela injustiça. Vejamos o que diz Ricoeur:

Ora, o senso da injustiça não é somente mais pungente, porém mais perspicaz que o sentido da justiça; pois a justiça é quase sempre a falta, e a injustiça o que reina. E os homens têm uma visão mais clara daquilo que falta às relações humanas do que da maneira correta de organizá-las. [...] mesmo nos filósofos, a injustiça é a primeira que movimenta o pensamento. Testemunham isso os *Diálogos* de Platão e a ética aristotélica e sua igual preocupação em citar o injusto e o justo (1991, p. 232, grifo do autor).

A injustiça mostra a justiça e cria uma solidariedade, uma cumplicidade. ‘Eu sou’, ou ‘me torno amigo do injustiçado’, ‘eu presto a minha solidariedade mais profunda àquele que é o injustiçado’. Ser amigo é também ser justo. Isto significa ser sensível às injustiças praticadas para com o outro. No momento em que experiênciamos a injustiça do outro quebramos a distância existente e nos tornamos próximo a ele. É um imenso desafio a manutenção da amizade. Quem tem uma amizade deve batalhar pela manutenção desta amizade mesmo que seja perdendo-a no momento em que se de um conselho que não seja

⁶ É importante ressaltar que a regra de ouro é considerada o fundamento da reciprocidade presente nas éticas da tradição. Sua formulação negativa – “não farás aos outros aquilo que não queres que te façam” – foi utilizada por muitos pensadores. Sublinho ainda que a *Regra de Ouro* em sua forma filosoficamente clássica sempre aparece vinculada ao termo *não* (*não* faça a..), enquanto nos textos religiosos e kantiano surge positivamente (faça...), ou seja, observando-se a citação bíblica invocada por Ricoeur, “*tu amarás teu próximo como a ti mesmo*”, constatamos que a finalidade de tais reciprocidades percebidas, é a constituição da benevolência ao próximo. (Ricoeur, 1991. p. 256).

bem aceito. Só a valorização da amizade pode fazer com que se supere o instante do vazio ético que prevalece no mundo da mídia e da globalização que não os valores fundamentais de respeito e valorização do outro que estão diluídos na busca do sucesso.

Conclusão

Estas são algumas questões que permanecem em aberto quando se fala sobre amizade, ética e justiça. Ou seja, a pergunta que permanece é ‘até onde devemos ser honesto o suficiente para não encobrir um amigo?’, ‘até onde devemos ser francos para não deixar de falar a verdade para um amigo?’, ‘até onde podemos esconder uma verdade que o amigo não sabe e que irá desagradá-lo se souber?’. É um imenso desafio para nós valorizar a amizade, mas é preciso compreender que valorizando a amizade, estaremos valorizando a pessoa humana. Este é o imenso desafio. Fazendo isso, estaremos quebrando o ciclo vicioso do mundo das compras, do consumismo, do mundo da mídia, é um obstáculo à prevalência dos valores negativos do mundo contemporâneo. Conforme Albert Camus (1913 – 1960) só quem ama a si próprio pode amar o próximo. Portanto, temos que amar a nós mesmos para que possamos amar o outro e no momento em que nós nos amamos iremos ter a coragem da amizade.

Referências

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. Trad. Mário da Gama Kury. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ASSIS, Machado De. **Esaú e Jacó**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Klick, 2006.

BERTI, Enrico. A relação entre as formas de amizade segundo Aristóteles. IN: **Analytica**, n.01, Vol. 06, P.23-43, Rio de Janeiro, 2001.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CICERO, Marcus Tullius. **Diálogo sobre a amizade**. Disponível em: ><http://www.livrosgratis.com.br/>< acessado dia 29/06/2001 12:01:40.

FORBES, Jorge. **Clinica e Pesquisa em Psicanálise**. Disponível em ><http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos.html>< acessado dia 10.08.2014 as 20:00 hs.

- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, LDA, 2007.
- KLEIN, M. Inveja e Gratidão. Obras completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1991 (Vol.III).
- MAQUIAVÉL, Nicolau. **O Príncipe**. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. eBooksBrasil.com, 2005.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PEGORARO, Olinto A. **Ética é justiça**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1995.
- RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.p. 243.
- ROSS, S. D. **Aristóteles**, Trad. Luiz F. Bragança e S.S. Teixeira, Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1987.
- SOUZA, Sabine Pierobon de. **O cotidiano do ensino e aprendizagem do Direito numa Instituição de Educação Superior**. Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006. 161f.

Recebido em 15 de Junho de 2014.
Aceito em 30 de Junho de 2014.